

## A ATUAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM BAIROS POPULARES DE SALVADOR-BA: NOTAS PARA UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA\*

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 34, n. 2, p. 384-394, mai./ago. 2009.

### INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado resulta da sistematização e da análise dos primeiros levantamentos de campo no âmbito da pesquisa *A APROPRIAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NOS BAIROS POPULARES DA CIDADE CONTEMPORÂNEA*, que busca trazer novos aportes teórico-metodológicos para os estudos de geografia urbana e cultural, a partir da investigação de um objeto pouco estudado no Brasil: a apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares na cidade contemporânea. A pesquisa se constitui no cerne atual dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação, do Departamento e Mestrado de Geografia, da Universidade Federal da Bahia, envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação em Geografia.

Parte-se do pressuposto de que as práticas de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares, como as iniciativas que se disseminam nos bairros populares das periferias metropolitanas, através, por exemplo, das rádios comunitárias e dos domínios virtuais alternativos da rede mundial de computadores, subvertem taticamente a hegemonia cultural veiculada pelos meios de comunicação e criam entre-lugares para o restabelecimento da ludicidade como valor transversal.

As rádios comunitárias e os domínios virtuais alternativos da rede mundial de computadores, objetos de apropriação sócio-espacial pelas classes populares, podem subverter o princípio hierárquico da desigualdade porque funcionam como táticas que desmascaram a estratégia iluminista de legitimação do princípio de acessibilidade universal ao uso público da razão. A relação entre cultura e poder se evidencia, portanto, na análise dialética das táticas dos agentes que produzem culturas subdominantes ou alternativas frente às estratégias hegemônicas de produção cultural das classes dominantes e eruditas.

\* Republicado na íntegra por problemas na publicação original (Geografia, v. 34, n. 1, jan./abr., 2009, p. 183-192.)

Para analisar tais experiências é oportuno considerar a sugestão de Certeau (2003), de proceder a uma análise fenomenológica e praxeológica das trajetórias culturais dos grupos que produzem e reproduzem idéias de cultura alternativas à cultura dominante, apreendendo a composição dos lugares onde estes grupos atuam, bem como a inovação que modifica estes lugares ao atravessá-los, por sua abrangência de atuação.

Dentro deste contexto, os resultados aqui apresentados visaram subsidiar o desenvolvimento de novas pesquisas<sup>1</sup> nas áreas-estudo do Grupo Espaço Livre, buscando compreender a atuação das rádios comunitárias em alguns bairros populares de Salvador e sua influência sobre os lugares onde estão inseridas, tendo, como enfoque principal, a análise da espacialização das práticas de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares e como estas se distribuem entre os diferentes agentes/ grupos envolvidos com essas atividades. A pesquisa teve como objetivo principal caracterizar os processos de territorialização e apropriação das rádios nos bairros onde estão inseridas.

Foram feitos levantamentos em seis bairros populares de Salvador, observando-se a presença de seis rádios comunitárias, dando-se maior ênfase, na segunda etapa da pesquisa, ao estudo das rádios localizadas nos bairros da Boca do Rio e de Paripe. A pesquisa, realizada entre os meses de agosto de 2006 e julho de 2007, constou de levantamentos bibliográfico, fotográfico e documental em arquivos de jornais e de órgãos públicos e bibliotecas, seguidos de reconhecimento das áreas-estudo e das rádios comunitárias pesquisadas. Na seqüência, foram realizadas entrevistas (gravadas e posteriormente transcritas) com dirigentes, presidentes e colaboradores das rádios comunitárias da Boca do Rio<sup>2</sup>, no bairro de mesmo nome, Maré FM<sup>3</sup>, localizada em Paripe, Cajazeiras FM<sup>4</sup>, em Cajazeiras, JP Publicidade<sup>5</sup>, em Plataforma, Amai Pró<sup>6</sup>, em Campinas de Pirajá, e RC Som Liberdade<sup>7</sup>, na Liberdade.

Deste universo, foram selecionadas duas rádios/ dois bairros, para realização de enquetes junto aos moradores, ouvintes das rádios, 44 em Paripe e 50 na Boca do Rio. Foram entrevistados cinco comerciantes na Boca do Rio e cinco em Paripe. Também foi feito um levantamento fotográfico de todas as rádios estudadas, bem como um mapeamento da distribuição das caixas de som nos bairros da Boca do Rio e de Paripe, onde estão localizadas as duas rádios selecionadas para o aprofundamento das pesquisas, cruzando os dados da localização das caixas de som e dos estabelecimentos comerciais e de serviços presentes nos bairros.

## APROXIMANDO ALENTE DO UNIVERSO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM SALVADOR

De acordo com o estabelecido pela Lei Federal 9.612, de 19 de Fevereiro de 1998, do Ministério das Comunicações, a rádio comunitária é um tipo especial de emissora de rádio FM, de

<sup>1</sup> Novas pesquisas foram iniciadas em agosto de 2007 pelas estudantes do curso de graduação em Geografia da UFBA, Renata Maria de Jesus Bahia e Karla Moraes, bolsistas de Iniciação Científica do CNPq, analisando a espacialização das práticas de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares, com foco na atuação dos domínios virtuais alternativos em bairros populares de Salvador, em especial páginas de organizações não-governamentais, de Associações de Moradores e de divulgação de conteúdos de utilidade pública, vinculados às áreas de urbanização popular, como a Cidade Baixa, o Subúrbio Ferroviário de Salvador e o bairro de Cajazeiras, além de páginas de divulgação de movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado, e musicais, como o hip-hop ou os blocos afro, com atuação em bairros populares da cidade.

<sup>2</sup> A rádio comunitária da Boca do Rio é uma rádio que opera com transmissão LM (Linha modular) com 98 caixas de som distribuídas pelas áreas comerciais do bairro.

<sup>3</sup> A rádio comunitária Maré FM é uma rádio que opera com transmissão LM (Linha modular) com 25 caixas de som distribuídas pela área comercial do bairro e FM, trabalhando com um transmissor de 25 watts e abrangendo uma área de mais ou menos 1 Km<sup>2</sup>.

<sup>4</sup> A rádio Cajazeiras FM opera com transmissão via transmissor e abrange uma área de 4 Km<sup>2</sup> do bairro.

<sup>5</sup> A rádio JP Publicidade é uma rádio que opera com transmissão LM (Linha modular) com 30 caixas de som distribuídas pela área do bairro.

<sup>6</sup> A rádio Amai Pró é uma rádio que opera com transmissão LM (Linha modular) com 10 caixas de som colocadas em pontos estratégicos do bairro.

<sup>7</sup> A rádio RC Som Liberdade é uma rádio que opera com transmissão LM (Linha modular) com 22 caixas de som distribuídas pela área comercial do bairro.

alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades.

Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. Uma rádio comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo com partidos políticos, instituições religiosas, etc.

Uma rádio comunitária deve:

- divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais;
- noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública;
- promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população.

Deste universo fazem parte também as rádios comunitárias que operam através do sistema de linha modulada, LM. Neste caso, usam caixas de som e não transmitem ondas sonoras. A maioria das rádios comunitárias ou alternativas opera em Salvador através desse sistema, cujo funcionamento exige trâmites burocráticos mais simples: As emissoras precisam basicamente de uma autorização da SUCOM – Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo, órgão municipal que autoriza e fiscaliza as construções e reformas de casas e edifícios, bem como intervenções nas vias públicas.

São 67 rádios comunitárias em Salvador (das quais 51 são LM) e mais 25 atuando no interior do Estado. Entre as rádios autodenominadas de “comunitárias” atuando na Capital Baiana, 16 são rádios FM. No caso das FMs o órgão fiscalizador é a ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações, que controla a transmissão das ondas sonoras. Quem está autorizado a transmitir em frequência FM tem que obedecer ao limite de 26 quilowatts. No universo das FMs há casos de rádios itinerantes, sem autorização para funcionar, mudando de lugar em geral a cada três meses, para evitar uma possível autuação.

## ESTUDO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS: OS PRIMEIROS LEVANTAMENTOS

Constatamos, através das enquetes/ entrevistas com os moradores/ ouvintes e com os responsáveis pelas rádios, que seu funcionamento conta com algum apoio financeiro dos comerciantes dos bairros onde estão inseridas, em troca da divulgação de seus produtos/ serviços e do nome de seus estabelecimentos. Sem apoios desta natureza as rádios certamente não estariam mais em funcionamento.

Impedidas de atuarem com fins comerciais e em geral sem apoio institucional, sobrevivem pela paixão de seus donos. Os locutores das rádios comunitárias são moradores dos bairros e ganham muito pouco em comparação com o que se paga no mercado profissional. Não há departamento de *marketing* e quem trabalha numa dessas emissoras é um “faz-tudo”:

Comecei a trabalhar em uma rádio em Paripe, e a partir daí adquiri conhecimento sobre o funcionamento de uma rádio comunitária e também passei a conhecer muita gente, inclusive o dono de um Supermercado, onde tive a oportunidade de trabalhar com um carro de som. Trabalhei lá por três anos. Amava aquela profissão e, com os anúncios no carro de som, o supermercado vendia muito. Eu era um garoto propaganda da empresa. Foi a partir deste trabalho que comecei a pensar em montar uma rádio comunitária. Já tinha todo conhecimento de como executar os programas, como montar o estúdio. Fui com a cara e a coragem. Iniciei com cinco caixas de som. Passaram-se trinta dias e já estava com 70 caixas distribuídas pelo bairro. A rádio cresceu e ainda tive a oportunidade de poder interagir com meu bairro, além de educar um pouco a população. Hoje a rádio tem 98 caixas (Djalma Santos - Rádio Comunitária da Boca do Rio).

No universo das emissoras pesquisadas, há aquelas onde uma única pessoa se responsabiliza por todas as atividades, como na RC Som Liberdade, enquanto outras dividem as tarefas de produção, atendimento ao público e locução dos programas, como no caso da Rádio Maré FM, com um diretor de programação, doze locutores e uma secretária, e da Rádio Amai-Pró, onde o trabalho é dividido por cerca de 17 colaboradores, onde todos gravam, apresentam e editam os programas. Reginaldo, da RC Som Liberdade, ressalta as facilidades tecnológicas disponíveis atualmente para a produção da programação: “Com o auxílio da tecnologia, hoje uma pessoa só faz toda programação de uma rádio. Podemos programar uma rádio pra ficar duas ou mais horas no ar sem precisar ter alguém por perto. Sou o responsável por tudo que acontece na rádio, pelas coisas boas e ruins”.

Além da programação musical, as rádios alternativas mandam mensagens de interesse público para os ouvintes, veiculam avisos de festas, relatos amorosos e oferecem serviços diversificados ao público, como a procura por pessoas desaparecidas e por documentos e objetos perdidos, ou a divulgação dos preços promocionais do comércio de vizinhança:

A rádio surgiu através de pessoas que queriam ter uma emissora de rádio envolvida com os problemas do bairro, principalmente com o comércio e a comunidade. Também foi criada com o objetivo de ser um elo entre o povo e os políticos, os comerciantes e a comunidade. Às vezes crianças desaparecem e a rádio logo ajuda a encontrá-las. A rádio foi criada com uma visão de utilidade pública, ela tem o interesse de proteger o comércio e o povo da Liberdade (Reginaldo - Rádio Comunitária Som Liberdade).



Figura 1 - Estúdio da Rádio Comunitária Liberdade FM

Foto: Bruno Soares

A rádio Cajazeiras FM começou como “rádio pirata”, mas, segundo Del Miranda, produtor da emissora, com o passar do tempo, “a comunidade se uniu, formou uma associação e solicitou a ANATEL uma liberação para funcionar como rádio comunitária no bairro”. A rádio funciona desde 1990, mas só começou a operar de forma “oficial” há oito anos. Como as demais rádios pesquisadas, a Cajazeiras FM busca adequar sua programação à realidade do bairro onde está inserida, contando com uma programação semanal “ecclética e voltada para os diversos segmentos da população”, buscando também, segundo Del Miranda, “servir de vitrine para pessoas que possuem talento, porém não têm uma chance. Quem sabe um dia essas pessoas do bairro não possam virar músicos ou locutores?”



Figura 2 - Parte interna do estúdio da RC Som Liberdade

Foto: Bruno Soares

Alguns acreditam também que as rádios comunitárias podem ajudar a levantar a auto-estima das comunidades, voltando o conteúdo de sua programação para a realidade do bairro onde estão inseridas, como no caso da Rádio Amai Pró, em Campinas de Pirajá, sediada em uma escola municipal de mesmo nome e com dez caixas de som instaladas nas ruas do bairro. Os estudantes são os locutores dos programas e veiculam notícias sobre meio ambiente, saúde e identidade étnica. Segundo Edineusa e Rosângela, coordenadoras da Rádio:

Temos programas relacionados com meio ambiente, economia. Fazemos um programa chamado Cozinhando com a Amai Pró, que ensina as pessoas da comunidade a melhor aproveitar os alimentos. Temos ainda o programa Cidadão em Ação, que trata sobre os direitos da comunidade e temas relacionados aos direitos do cidadão. Temos o programa Pergunte a Diretora, que trata dos assuntos relacionados à escola, além do Jogando Limpo com a Gente, do Show Popular, de programas sobre saúde, e do Profilurb, um programa que

proporciona o resgate das raízes culturais e da identidade do povo do nosso bairro, e do Amai Pró Notícias. Ao todo são nove programas, todos voltados para os interesses de nossa comunidade.

### FOCANDO A PESQUISA NA ATUAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS NOS BAIROS DA BOCA DO RIO E EM PARIPE

No decorrer dos levantamentos aprofundamos nossas pesquisas nas rádios comunitárias da Boca do Rio e de Paripe, constatando-se que, de modo geral, as áreas de abrangência destas rádios coincidem com as áreas comerciais dos bairros, onde há também maior circulação de pessoas.



Figura 3 - Estúdio da Rádio Comunitária Maré FM

Foto: Bruno Soares

A maioria dos ouvintes das rádios são moradores dos bairros pesquisados ou pessoas que trabalham no comércio local. Há, porém, algumas diferenças qualitativas entre os dois bairros.

Com relação à distribuição das caixas de som, em Paripe, as caixas de som estão localizadas na principal centralidade do bairro, seu "*sistema nervoso*"<sup>8</sup>, que abrange o final da Avenida Afrânio Peixoto, a Rua Eduardo Dotto, até a Praça João Martins. Como a rádio funciona também com sistema FM, ela alcança ainda uma área de um Km<sup>2</sup> a partir do local onde está sediada.

Já na Boca do Rio a distribuição das caixas abrange os núcleos comerciais 1 e 2 do bairro, identificados em pesquisa anterior no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação<sup>9</sup>. Santos (2005) mostra, com relação aos dois núcleos comerciais encontrados na Boca do Rio, que um se apresenta mais especializado que o outro.

<sup>8</sup> Nome pelo qual os dirigentes da rádio Maré FM designam a principal área comercial do bairro.

<sup>9</sup> O mapeamento dos serviços e comércio – 1: 2000 – na Boca do Rio demonstrou os tipos de comércio e serviços existentes e a presença de dois núcleos distintos (SANTOS, 2005). O conceito de núcleo, aplicado nesta pesquisa, remete àquelas áreas que apresentam uma concentração relevante de estabelecimentos comerciais e de serviços (SERPA, 2001).

No mais especializado localizam-se muitos mercados, lojas de material de construção, lojas de confecções, lojas de calçados, clínicas médicas, farmácias, casas lotéricas, hotéis, restaurantes, etc.; o núcleo menos especializado apresenta basicamente mercearias, salões de beleza e bares. No núcleo 1 existe uma grande aglomeração de serviços e comércio diversificado nas Ruas Hélio Machado, Simões Filho e Abelardo de Carvalho. Estas ruas possuem facilidade de acesso e circulação de transporte coletivo. O núcleo 2 do bairro da Boca do Rio pode ser considerado um comércio de vizinhança.

As enquetes realizadas com a população dos bairros da Boca do Rio e Paripe indicaram que a maioria das pessoas ouve a rádio dos bairros respectivos, mas só na Boca do Rio os ouvintes, em sua maioria, conseguem identificar e sabem os programas veiculados pela emissora; já os ouvintes consultados em Paripe não conseguem identificar e nem sabem quais os programas que são veiculados pela rádio do bairro. Outro fato a ser observado como resultado das enquetes realizadas é que a maioria dos ouvintes de ambas as rádios nunca utilizou ou não conhece pessoas que utilizaram os serviços prestados pelas rádios.

A maioria dos ouvintes dos dois bairros tem entre 18 e 29 anos. A renda dos ouvintes consultados em Paripe ficou concentrada entre 1 a 3 salários mínimos, enquanto uma outra parcela significativa dos ouvintes apresenta-se sem renda; na Boca do Rio, a renda também ficou concentrada entre 1 a 3 salários mínimos, com uma parcela também considerável dos ouvintes sem renda.

Há, no entanto, na Boca do Rio, pequena parcela de ouvintes com renda entre 3 e 5 salários mínimos. Isso pode ser explicado pela forma de apropriação do bairro por diferentes classes sociais. Segundo Santos (2005, p. 5),

o histórico da Boca do Rio indicou a apropriação de classes sociais com poderes aquisitivos bem diferenciados. Atualmente esta questão persiste e se reflete na diferenciação de infra-estrutura do bairro. A questão da renda é algo importante para entender a diferenciação interna que existe no bairro.

De qualquer modo, pode-se afirmar, para os dois bairros pesquisados, que os ouvintes são, em sua maioria, de baixa renda.



Figura 4 - Parte interna da Rádio Comunitária Maré FM

Foto: Bruno Soares

### COMERCIANTES VERSUS RÁDIOS

Durante as entrevistas realizadas com os comerciantes da Boca do Rio e de Paripe, percebe-se um vínculo muito forte entre as rádios comunitárias e os comerciantes locais, que chegam a firmar contratos com duração de seis meses a um ano e meio e fixar valores de mensalidades, que variam de acordo com o tipo e o porte do comércio. Um outro fato observado nessa relação é a forma como esses contratos são feitos, se o comércio tem muito tempo no bairro o contrato é verbal, se não, este contrato é escrito e com algumas cláusulas.



Figura 5 - Antena da Rádio Comunitária Maré FM em Paripe

Foto: Bruno Soares

Outra questão observada nas entrevistas é que muitos estabelecimentos comerciais, quando possuem filiais ou matriz em outros bairros, usam também as rádios comunitárias como meio de divulgação de sua marca nessas áreas. Para estes comerciantes, a divulgação nas rádios estimula o movimento comercial nos seus estabelecimentos.





Figura 6 - Caixa de som da Rádio Comunitária Maré FM em Paripe

Foto: Bruno Soares

No universo das seis rádios comunitárias estudadas na primeira etapa da pesquisa, somente a rádio comunitária Escola Amai Pró não possui nenhum vínculo com comerciantes locais. Esses vínculos, parcerias ou apoio cultural, como dito por alguns dirigentes de rádios, é determinante para seu funcionamento e sua estruturação, pois quanto maior o vínculo das rádios com os comerciantes, melhor será sua organização. Caso esses vínculos sejam em menor intensidade, essas rádios passam a funcionar em condições precárias, chegando muitas vezes a fechar.

Os comerciantes em geral não patrocinam programas específicos, tendo sido esse tipo de apoio constatado apenas na Rádio Comunitária J P Publicidade (no bairro de Plataforma), onde um programa de hip hop recebe patrocínio direcionado a sua produção. Em geral, o comércio local anuncia seus produtos e serviços, negociando o apoio em função do número de inserções comerciais na programação das rádios.

Temos o apoio do comércio de Cajazeiras que, na verdade, é um apoio cultural. Fazemos a divulgação do nome do comércio e em troca eles cedem jantar, cesta básica, emprego para a comunidade ou algo que venha ajudar a rádio. Alguns comerciantes nos ajudam com o pagamento das contas de água e energia. Eles sabem que as rádios comunitárias não têm apoio de nenhuma instituição ou órgão federal ou estadual. O que existe realmente aqui no bairro é uma troca de serviços (Del Miranda – Rádio Comunitária Cajazeiras FM 87.9).

## CONCLUSÃO

"O canto de pássaros: o pássaro que canta marca assim seu território... Os próprios modos gregos, os ritmos hindus são territoriais, provinciais, regionais" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, v. 3, p. 59-60). Acreditamos que as rádios dos bairros populares de Salvador, se melhor organizadas e estruturadas, podem vir, em alguns casos, a desempenhar uma função de articulação e informação através da comunicação nos lugares onde estão inseridas.

A atuação das rádios comunitárias demonstra a força das táticas enraizadas no lugar, que subvertem a lógica da produção de hegemonias culturais. Interessante notar que em tempos de novas e diversificadas mídias na escala planetária, produto e condição das estratégias de grandes grupos econômicos, uma mídia "falada" e sem força da visualidade, como o rádio, vai se afirmando como tática de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares (SERPA, 2007).

Ao seu modo, a população de baixa renda vai produzindo programas, notícias, serviços, arte e música para o "lugar", dialogando com os não lugares dos meios hegemônicos de comunicação, criando em última instância um entre-lugar de diálogo e subversão (SERPA, 2007). As rádios se comunicam de modo imediato e sem intermediações com a população pobre, desempenhando um papel propício para articulação e fortalecimento das redes sociais existentes nos bairros onde atuam.

Com forte poder de mobilização, elas demarcam uma circunscrição de diálogos, mantidos através da informação comunicada e emitida pelas caixas de som ou pelas ondas FM, sinalizando a constituição de territórios descontínuos dentro do tecido urbano, territórios articulados através da comunicação.

Estes territórios, como afirma Souza (1995), remetem à necessidade de se construir uma ponte conceitual entre território em sentido usual (que pressupõe contigüidade espacial) e a rede (onde não há contigüidade espacial: o que há, é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos – nós – conectados entre si por segmentos – arcos – que correspondem aos fluxos de bens, pessoas ou informações –, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infra-estruturais presentes no substrato espacial).

Do mesmo modo, pode-se falar nos termos colocados por Haesbaert (1997; 2006), que também trabalha numa perspectiva integradora entre territórios e redes, para a compreensão do "cosmopolitismo territorial" das grandes metrópoles, ressaltando as novas e múltiplas formas de territorialidade, como aquelas evidenciadas aqui através dos exemplos de apropriação sócio-espacial dos meios de comunicação nas áreas de urbanização popular das metrópoles.

O que se constatou com o aprofundamento das pesquisas nas rádios comunitárias de Paripe (Rádio Comunitária Maré FM) e Boca do Rio (Rádio Comunitária Boca do Rio) é que ambas existem graças a incentivos e parcerias com os comerciantes dos locais onde estão inseridas. É notável o engajamento de alguns de seus dirigentes/colaboradores, não existindo uma preocupação ou financiamento por parte do Governo ou de qualquer órgão público interessado em manter "vivo" um meio de comunicação tão importante e eficaz nos bairros populares de Salvador. Assim, cada rádio comunitária possui uma característica própria e sua intensidade e importância varia a partir da participação/ percepção de cada morador/ ouvinte em cada bairro/ lugar da cidade.

## REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. 3ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2003. 253 p.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. 715 p.
- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade**. Niterói: EDUFF, 1997. 293 p.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SANTOS, Cláudia Alves dos. **Fatores Sócio-Econômico Culturais de um Bairro “Dividido”**: O Caso da Boca do Rio. Salvador–Bahia. Relatório Final de Pesquisa (PIBIC/CNPq). Departamento de Geografia/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- SERPA, Angelo (Org.). **Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001. 316 p.
- SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 208 p.
- SOUZA, Flávia Silva de. **Caracterização Socioeconômica e Cultural de um Bairro Popular de Salvador**: O caso de Paripe, no Subúrbio Ferroviário. Relatório Final de Pesquisa (PIBIC/CNPq). Departamento de Geografia/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, Iná Elias; Gomes, Paulo César da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (Org.). **Geografia, Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.
- www.mc.gov.br – acessado em 07/06/07 e 10/06/06.

*BRUNO CARVALHO SOARES*

(Estudante do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: brunodebravo@yahoo.com.br)

*ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA*

(Professor Associado Doutor do Departamento de Geografia do IGEO/UFBA, pesquisador do CNPq. E-mail: [angserpa@ufba.br](mailto:angserpa@ufba.br). Endereço para correspondência: Av. Princesa Leopoldina, N. 359, Ap. 602, Edifício Vale da Princesa, Graça, Salvador-BA, CEP: 40.150-080)